

LEIA NESTA EDIÇÃO:

1 - Um minuto de Reflexão; 2 - Criadores de abelhas são capacitados; 3 – Catálogo de Abelhas Moure; 4 – Sites Interessante: Catálogo de abelhas Moure; 5 – Venda de mel de abelhas sem ferrão precisa de legislação; 6 - MÉXICO - CRIANÇA DE ABELHAS SEM FERRÃO UMA OPÇÃO EM YUCATAM; 7 - La meliponicultura una opción más para la apicultura yucateca; 8 – Meliponicultura uma alternativa sustentável; 9 - RS: meliponicultura uma alternativa sustentável; 10 - Projeto regulamenta apicultura e meliponicultura de MS; 11 - Mapeamento e Monitoramento de Ninhos de Abelhas Sem Ferrão no Triângulo Mineiro; 12 – Prorrogado o prazo da Consulta Pública sobre o RIISPOA; 13 – IAP realiza II Workshop sobre Planos de Ação para a Política Estadual de Proteção à Fauna Nativa; 14 – 4 de setembro: Reunião sobre regulamentação da Resolução CONAMA nº 346, de 16 de agosto de 2004, dia 4 de setembro de 2008.

1 - Um minuto de Reflexão

· "Estudo sem pensamento é trabalho perdido; pensamento sem estudo é perigoso." - Confúcio

· "As lições da vida serão repetidas de várias formas até que você as aprenda". - Chérie Carter - Scott

2 - Criadores de abelhas são capacitados

Pinheiro - O Projeto Melípona, desenvolvido pela Unidade de Negócios do Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) de Pinheiro, realizou semana passada um curso sobre produção de caixas racionais (colméias) para a criação de abelhas nativas.

Foram capacitados 60 meliponicultores dos municípios de Peri-Mirim, Bequimão e São João Batista. No próximo dia 10, serão capacitados mais 20 meliponicultores de São Bento e Palmeirândia. Os cursos de capacitação do Sebrae são realizados em parceria com as associações de Meliponicultores dos municípios atendidos pelo Projeto Melípona.

META - A meta é ensinar a técnica para 100 criadores de abelhas nativas para a produção de 800 caixas racionais a custo inferior ao de mercado. E mais: padronizar as colméias usadas em um meliponário, facilitar o manejo durante as revisões, incentivar o aumento de colméias por produtor e implementar uma atividade complementar para geração de emprego e renda.

Fonte: Apacame-Web - Veículo: O Estado do Maranhão - Seção: Estado - Data: 06/08/2008 - Estado: MA

3 – Catálogo de Abelhas Moure

No último dia 23 de julho de 2008 foi lançada a versão final do Catálogo de Abelhas Moure em cerimônia oficial durante o VIII Encontro sobre Abelhas, em Ribeirão Preto, SP, presidida pelo Prof. Gabriel Melo, coordenador do projeto.

O Catálogo de Abelhas Moure, em versão impressa e eletrônica, é fruto de árduo trabalho de compilação de dados coletados durante muitos anos pelo Prof. Moure e vários colaboradores e teve apoio da Financiadora de Estudos e Projetos, Finep.

Uma parceria entre a Universidade Federal do Paraná, UFPR, e o Centro de Referência em Informação Ambiental, CRIA, tornou possível o acesso público e gratuito, a qualquer interessado, a todo o conteúdo do Catálogo através da Internet no endereço <http://moure.cria.org.br>.

É com grande orgulho que convidamos a todos os pesquisadores da área, e o público em geral, a conhecerem mais esse sistema alimentado por vários especialistas (veja <http://moure.cria.org.br/credits>) e desenvolvido e mantido pelo CRIA, que, novamente em parceria com a comunidade científica, procura cumprir o seu papel de disseminar o conhecimento científico e promover a educação, visando a conservação e utilização sustentável dos recursos naturais e a formação da cidadania.

Dora Ann Lange Canhos – Diretora - Centro de Referência em Informação Ambiental - URL: www.cria.org.br - Tel.: +55 19 3288-0466 - Fax: +55 19 3249-0960

Fonte: <http://br.groups.yahoo.com/group/Abena/message/25026> - 25/07/2008

4 – Sites Interessante: Catálogo de abelhas Moure

O continente americano, em particular a região Neotropical, apresenta uma das faunas de abelhas mais ricas do mundo. Desde que as primeiras espécies de abelhas foram formalmente descritas por Lineu, há cerca de 250 anos atrás, uma grande quantidade de informação tem sido acumulada sobre diferentes aspectos de sua biologia, taxonomia, sistemática, ecologia, genética, etc.

Estas informações encontram-se dispersas em milhares de artigos e outras publicações, como livros e monografias. A recuperação rápida e eficiente desta informação somente é possível por meio de obras de referência, os catálogos taxonômicos, que trazem uma compilação de todas as fontes bibliográficas pertinentes, incluindo os assuntos tratados para cada um dos táxons.

A produção de catálogos demanda um grande esforço e sólido conhecimento sobre a sistemática do grupo a ser catalogado. É um tipo de trabalho produzido apenas por pesquisadores que tenham acumulado uma longa experiência sobre um grupo de organismos.

Desde o início de sua carreira acadêmica em 1938, o Prof. Moure vem catalogando todas as informações publicadas sobre as espécies de abelhas presentes na região Neotropical. No final da década de 1950, suas notas manuscritas foram transformadas em um catálogo na forma de cartões datilografados. Este sistema de cartões foi mantido atualizado até o ano de 1975, quando sua manutenção foi interrompida. Até esta interrupção, o catálogo apresentava um total de 11.200 fichas datilografadas.

Apresenta-se aqui uma versão on-line atualizada do Catálogo Moure para as abelhas da região Neotropical. Para acessar o catálogo clique no link catálogo acima (<http://moure.cria.org.br/catalogue>).

Sobre o projeto - Biografia do Pe. Moure - Sobre o Catálogo - Equipe responsável - Indicadores Arquitetura do sistema

Fonte: <http://moure.cria.org.br/credits> - Acesso em 07/08/2008

5 – Venda de mel de abelhas sem ferrão precisa de legislação

14/09/2007 - Luís Mansuêto - Cada vez mais o mel produzido pelas melíponas (abelhas sem ferrão) em comunidades indígenas do interior do Amazonas está conquistando o paladar dos europeus. Isso porque eles preferem um sabor mais ácido, característica comum no mel das abelhas sem ferrão. Mas os produtores esbarram em um problema: a elevada umidade do alimento da região, além da falta de legislação que regule a exportação. É o que explica a cientista Helyde Albuquerque Marinho, pesquisadora do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA).

Marinho é a coordenadora de um projeto de capacitação de jovens e professores indígenas, que estudou as abelhas nativas na área Sateré-Mawé (formada pelos municípios de Maués, Parintins e Barreirinha). O objetivo da pesquisa, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (Fapeam), foi fazer o mapeamento da polinização e caracterização dos produtos meliponícolas. Dessa forma, solucionar o entrave legal existente (falta de legislação) e a elevada taxa de água encontrada no mel.

"O Ministério da Agricultura (MA) só possui legislação para o mel das abelhas após (africanizadas), o qual determina que a umidade não pode ultrapassar os 20%. Porém o mel produzido pelas abelhas sem ferrão varia entre 24 a 27%. A elevada taxa leva a uma fermentação mais rápida, o que pode ocasionar a perda de toda a produção. Por isso, não pode ser exportado para a Europa. Contudo, já existe tecnologia para a questão", informou a pesquisadora.

Segundo ela, uma das saídas encontradas pelo projeto foi a fazer a caracterização do mel das diferenças existentes, pois só assim será possível requerer junto ao MA uma legislação específica. Entre elas, Marinho disse que o mel das abelhas sem ferrão é mais fino e menos doce, diferente do das africanizadas.

Além disso, a florada é outro diferencial. Como ambas coletam o néctar das flores, as abelhas sem ferrão levam vantagem porque o Amazonas não tem tanta poluição quanto os outros estados, contribuindo assim para o aumento da qualidade final do produto. Outra vantagem é em relação à acidez: 2 a 3 pH, o que o coloca na preferência do consumidor europeu, principalmente, o italiano.

"O objetivo do projeto é aumentar cada vez mais a produção e vender o que é produzido para o exterior, bem como ajudar na sustentabilidade dos moradores. Um litro de mel produzido pela comunidade chega à custa R\$ 40, mas pode atingir o patamar de R\$ 80. Na aldeia existem 150 colméias e cada uma produz em média 3 litros de mel, o que é pouco. Isso porque além de ser comercializado, ele também é consumido pelos indígenas", destacou.

Técnicas de manejo - Durante os trabalhos de campo, realizados no município de Barreirinha, na vila do Castanhal, os representantes da comunidade indígena aprenderam técnicas de manejo do mel, por exemplo, usar luvas e seringas para coletar o produto das colméias para não contaminá-lo. Também aprenderam a identificar as abelhas, limpeza e fabricação das caixas das colméias, tendo sempre como principal meta a certificação do Ministério da Agricultura (MA).

"Foi a primeira iniciativa nesse sentido, ou seja, tentar solucionar o problema da falta do selo do MA e oportunizar aos jovens e professores o acesso ao conhecimento produzido pelo INPA nessa área. Realizamos visitas nas comunidades e eles também vieram ao Instituto. Levamos para eles motor de popa, canoa e binóculos, tudo por meio do projeto", enfatizou.

No INPA, a bolsista de nutrição do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), Tatiana Van de Maas, realizou análises físico-química e microbiológicas. De acordo com Marinho, os testes foram feitos para saber se o mel estava contaminado ou não, pois na aldeia não é possível fazê-los. Segundo ela, tudo conforme manda o MA para obter um certificado diferente do das abelhas apis. "Os documentos serão entregues no Ministério da Agricultura. Queremos discutir uma legislação para o mel das melíponas", alertou.

Os resultados do projeto serão publicados por meio de uma cartilha, tanto no idioma sateré quanto em português.

Retirada da umidade - Em 2006, durante quatro dias, dois pesquisadores do México estiveram no INPA para repassar a técnica de retirada da umidade (água) do mel. Na época, dois professores saterés e representantes da associação dos meliponicultores aprenderam a metodologia.

Marinho explicou que a desumidificação só é possível em um laboratório devidamente preparado. Por isso, a pesquisadora elaborou um outro projeto para dar continuidade à pesquisa inicial. No mesmo, foi incorporado a "Casa do Mel", que será implantado na comunidade indígena para, assim, solucionar a questão da elevada taxa de umidade.

O projeto, orçado em aproximadamente R\$ 100 mil, foi submetido ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e aprovado pelo mesmo. Contudo, um ano após ser aprovado, o recurso ainda não foi liberado, pois depende do Ministério do Meio Ambiente (MMA).

Benefícios do mel - Apesar de ser utilizado mais como veículo de medicamentos, a pesquisadora disse que o mel é bactericida, antiinflamatório fornece energia, além de ser de fácil digestão e utilizado como adoçante natural. Segundo Marinho, o brasileiro não tem o hábito de consumir mel diferente do argentino, por exemplo.

Fonte: http://www.inpa.gov.br/noticias/noticia_sgno2.php?codigo=490 - Acesso em 07/08/2008

6 - MEXICO - CRIANÇA DE ABELHAS SEM FERRÃO UMA OPÇÃO EM YUCATAM

Criança de abelhas nativas sem ferrão ou meliponicultura é agora uma opção dentro da negócio apicultura vale entrar outra vez por causa da contínua ameaça de pragas e doenças das abelhas introduzidas particular.

Além disso, dada a docilidade da Kaaba Xun (Melipona beecheii), para o ano maia mulheres têm gerido em suas parcelas e, em seguida, o mel que produzem esses insetos chega a bom preço no mercado, observou o departamento de investigadores da Faculdade de apicultura Pecuária e Medicina Veterinária (FMVZ) da Universidad Autónoma de Yucatán (UADY).

Fonte: Notícias Apitrack nº 51 – 07/08/2008 - newsletter@apitrack.com - "APACAME-Web" <webapacame@terra.com.br> - apacameplenario@yahoogrupos.com.br -

7 - La meliponicultura una opción más para la apicultura yucateca

MTI /Texcoco Mass Media/Bernardo Caamal Itza* - Publicada: Julio 29, 2008 - Tiene amplias ventajas criar abejas locales y actualmente es una alternativa en los solares y para las mujeres.

La crianza de abejas nativas sin aguijón ó meliponicultura constituye en la actualidad, una opción dentro de la actividad apícola que vale la pena incursionar de nuevo debido a la amenaza permanente de las plagas y enfermedades particulares de las abejas introducidas. Además dada la docilidad de la Xunaan Kaab (*Melipona beecheii*), desde hace años las mujeres mayas lo han manejado en sus solares y luego la miel que producen éstos insectos alcanza buenos precios en el mercado, señalaron investigadores del departamento de apicultura de la Facultad de medicina Veterinaria y Zootecnia (FMVZ) de la Universidad Autónoma de Yucatán (UADY).

En la mañana de este martes 29 de julio en el marco de la visita de trabajo realizado en el departamento de apicultura de la FMVZ-UADY por el LIC. Pedro Cabrera Quijano, presidente ejecutivo de la Fundación Produce Yucatán, A.C. y el MVZ. Gustavo Martín Quijano, director de Apicultura de la Secretaria de Fomento Agropecuario y Pesquero del Gobierno del Estado de Yucatán, el tema que más se resaltó, fue las ventajas que representa el manejo de las abejas sin aguijón.

El director del departamento de apicultura de la FMVZ-UADY, Dr. Javier G. Quezada Euán, señaló que hace poco más de 20 años que se vienen desarrollando estudios especializados en torno a las abejas. De ello se han generado vastos trabajos de investigación y cuyos resultados han permitido incentivar la actividad apícola. Del mismo modo sus especialistas son reconocidos a nivel nacional e internacional por la vanguardia científica que representan sus trabajos.

El directivo resaltó que recientemente presentó los avances que viene realizando esta institución en un foro apícola realizado en Brasil, destacó que los apicultores de éste país están muy interesados en conocer puntualmente sobre la meliponicultura yucateca; sobre todo argumentó: "Las abejas al polinizar, permiten que tengamos alimentos, porque sin ellas no comemos, de ahí radica su importancia".

Durante el recorrido realizado por los funcionarios de ambas instituciones, permitió conocer de cerca las diversas actividades del departamento de apicultura que va desde el estudio puntual en genética, plagas y enfermedades; estudios que permiten saber el impacto que tienen las abejas nativas en la producción agrícola, tal como señala el reporte de una investigación realizada recientemente sobre chile habanero mostrando el impacto positivo traduciéndose en excelentes ganancias para el productor.

Por su parte, el MC. Jorge A. González Acereto, especialista en la crianza de abejas sin aguijón, destacó la importancia de continuar los trabajos en cuanto a la transferencia de tecnología en su caso, dijo que la aparcería constituye un atractivo sistema para la propagación de la meliponicultura moderna en las comunidades mayas de Yucatán, recordó que aunque las condiciones en cuanto a la situación actual de la vegetación nativa y de otros factores que aquejan en cuanto al manejo de las abejas nativas, aun prevalecen la aplicación de los métodos arcaicos y que actualmente se validan estas experiencias por los investigadores yucatecos; otro de los factores limitantes de la actividad, es que conforme se muriendo la gente que conoce su manejo va desapareciendo conocimientos

milenarios y luego, cada vez es menos la presencia de las abejas denominadas en maya yucateco: Kolel-kab ó Xunaan kab(Melipona beechii); el Kantsak (Scaptrorigona pectorales) y el Tstes (M. yucatánica).

El Dr. Javier G. Quezada Euán, mencionó también que los días 29 y 30 de septiembre y 1ero, de octubre se realizará en Yucatán el “V Congreso Mesoamericano sobre Abejas sin Aguijón” denominada: “...hacia el rescate de la biodiversidad”, mismo que constituye un foro que permite dar a conocer los productores los avances generados por la UADY en cuanto al tema, resaltaron la estrecha coordinación que tienen con la Secretaria de Fomento Agropecuario y Pesquero, y también solicitaron a Fundación Produce Yucatán, su participación para darle un mayor impulso a este intercambio de experiencias y permitirá incentivar más los resultados en cuanto al productor haga uso de los conocimientos adquiridos.

Al respecto, Pedro Cabrera Quijano, reafirmó su interés y dijo que la Fundación Produce Yucatán, A.C. esta al servicio de los productores sobre todo en actividades tan importantes como lo es la apicultura en donde no sólo se conjuga la cultura maya sino la importancia del uso sustentable de los recursos naturales propios del mayab.

Egresado de la especialidad de Fitotecnia por la Universidad Autónoma Chapingo, actualmente se desempeña como Responsable de Comunicación Social de la Fundación Produce Yucatán, A.C

Fonte: © Alianzatex.com 2008 - <http://www.alianzatex.com/Alianzatex/nota.jsp?nota=N0006182> - 29/07/2008

8 – Meliponicultura uma alternativa sustentável

Embrapa - Dentro do conceito de desenvolver práticas agrícolas economicamente viáveis, ecologicamente sustentáveis e socialmente justas, a meliponicultura se adapta como uma alternativa que favorece a diversificação e o melhor uso da propriedade. Esta é uma atividade que pode se integrar aos plantios florestais, de fruteiras e/ou culturas de ciclo curto e em muitos casos, pode até vir a contribuir no aumento da produção agrícola, pois favorece a polinização, destacou o pesquisador da Embrapa Clima Temperado, Luis Fernando Wolff.

Ele explica que existem duas diferenças significativas entre as abelhas nativas e as abelhas africanizadas, que possuem ferrão e são da sub-família dos Apineos. A primeira se refere as características ambientais e sociais, ou seja, as atividades desempenhadas na natureza por essas abelhas que acontecem em sintonia com a flora nativa. O segundo ponto, diz respeito ao fato delas serem mansas e sem ferrão, o que possibilita diversas alternativas de uso, tais como: polinização de cultivos em estufas, criação próximo a residências e na zona urbana, maior envolvimento de mulheres e crianças no manejo, entre outras possibilidades, acrescentou.

Entretanto, apesar desses pontos positivos, a criação de abelhas melíponas apresenta alguns aspectos que prejudicam sua expansão, especialmente em comparação com o cultivo de Apis melifera. O mel produzido pelas abelhas nativas é mais perecível, devido a maior quantidade de água, em que o teor de umidade do produto final oscila entre 40 e 50%. Além disso, a produção do mel de abelhas-sem-ferrão é muito menor. Porém, a cadeia produtiva de produtos oriundos da meliponicultura está em processo inicial de articulação, afirma Wolff.

Essa quantidade reduzida de produção de mel de abelhas nativa tem, por outro lado, um respaldo do mercado consumidor, conforme explica o pesquisador: o quilo do mel produzido pelas melíponas é muito valorizado, em função da pouca oferta e do seu uso medicinal. Assim, a venda é feita em frascos de 100 gramas, ao custo de R\$ 8,00 ou R\$ 10,00 (cada). Ele destacou o potencial do produto, muito valorizado no exterior, e que tem um sabor e um aroma diferenciado e agradável.

O meliponicultor de Pelotas, Carlos Eduardo Daniel, conta que está cultivando melíponas há dois anos. Ainda estou fazendo a aclimatação das abelhas e conhecendo as técnicas de manejo das mesmas, que é muito diferenciado da *Apis mellifera*, porém estou satisfeito com os resultados iniciais. Esse evento é importante, pois reúne informações e equipamentos que possibilitam a ampliação dos horizontes no cultivo de abelhas, disse Carlos.

O XIII Seminário Estadual de Apicultura é uma realização da Federação Apícola do RS, do Núcleo de Apicultores de Pelotas e Zona Sul, da Embrapa Clima Temperado, da UFPel e em parceria com uma série de outras entidades ligadas ao setor.

Christiane Rodrigues Congro Bertoldi - Mtb-SC 00825/9 Embrapa Clima Temperado - Contatos: (53) 3275-8113 - congro@cpact.embrapa.br.

Fonte: Apacame-Web – Veículo: Embrapa - Seção: Notícias - Data: 08/08/2008 - Estado: DF - Veículo: Página Rural

9 - RS: meliponicultura uma alternativa sustentável

Pelotas/RS - Durante o primeiro dia de atividades do XIII Seminário Estadual de Apicultura, que acontece na UFPel, no auditório da Faem, em Pelotas, de 7 a 9 de agosto, foram abordados diversos aspectos da meliponicultura. A meliponicultura se caracteriza pelo processo de cultivo das abelhas-sem-ferrão, que são nativas do Brasil. Existem cerca de 400 espécies diferentes de abelhas da sub-família dos *Meliponinae*, muitas delas sob grave risco de extinção. No Rio Grande do Sul, em função das características climáticas locais existem apenas 21 espécies conhecidas.

Dentro do conceito de desenvolver práticas agrícolas economicamente viáveis, ecologicamente sustentáveis e socialmente justas, a meliponicultura se adapta como uma alternativa que favorece a diversificação e o melhor uso da propriedade.

“Esta é uma atividade que pode se integrar aos plantios florestais, de fruteiras e/ou culturas de ciclo curto e em muitos casos, pode até vir a contribuir no aumento da produção agrícola, pois favorece a polinização”, destacou o pesquisador da Embrapa Clima Temperado, Luis Fernando Wolff. Ele explica que existem duas diferenças significativas entre as abelhas nativas e as abelhas africanizadas, que possuem ferrão e são da sub-família dos *Apinae*.

“A primeira se refere as características ambientais e sociais, ou seja, as atividades desempenhadas na natureza por essas abelhas que acontecem em sintonia com a flora nativa. O segundo ponto, diz respeito ao fato delas serem mansas e sem ferrão, o que possibilita diversas alternativas de uso, tais como: polinização de cultivos em estufas, criação próximo a residências e na zona urbana, maior envolvimento de mulheres e crianças no manejo, entre outras possibilidades”, acrescentou.

Entretanto, apesar desses pontos positivos, a criação de abelhas melíponas apresenta alguns aspectos que prejudicam sua expansão, especialmente em comparação com o cultivo de /Apis melífera/. “O mel produzido pelas abelhas nativas é mais perecível, devido à maior quantidade de água, em que o teor de umidade do produto final oscila entre 40 e 50%. Além disso, a produção do mel de abelhas-sem-ferrão é muito menor. Porém, a cadeia produtiva de produtos oriundos da meliponicultura está em processo inicial de articulação”, afirma Wolff.

Essa quantidade reduzida de produção de mel de abelhas nativa tem, por outro lado, um respaldo do mercado consumidor, conforme explica o pesquisador: “o quilo do mel produzido pelas melíponas é muito valorizado, em função da pouca oferta e do seu uso medicinal. Assim, a venda é feita em frascos de 100 gramas, ao custo de R\$ 8,00 ou R\$ 10,00 (cada)”. Ele destacou o potencial do produto, muito valorizado no exterior, e que tem um sabor e um aroma diferenciado e agradável. O meliponicultor de Pelotas, Carlos Eduardo Daniel, conta que está cultivando melíponas há dois anos.

“Ainda estou fazendo a aclimação das abelhas e conhecendo as técnicas de manejo das mesmas, que é muito diferenciado da /Apis melífera/, porém estou satisfeito com os resultados iniciais. Esse evento é importante, pois reúne informações e equipamentos que possibilitam a ampliação dos horizontes no cultivo de abelhas”, disse Carlos.

O XIII Seminário Estadual de Apicultura é uma realização da Federação Apícola do RS, do Núcleo de Apicultores de Pelotas e Zona Sul, da Embrapa Clima Temperado, da UFPel e em parceria com uma série de outras entidades ligadas ao setor.

Fonte: Embrapa Clima Temperado – Apacame-Web – Veículo: Página Rural - Seção: Notícias - Data: 08/08/2008 - Estado: RS

10 - Projeto regulamenta apicultura e meliponicultura de MS

O deputado Marcio Fernandes, líder da bancada do PSDB, apresenta um projeto que regulamenta o desenvolvimento e Expansão da Apicultura e Meliponicultura. O projeto de Lei subdividido em 16 capítulos e 34 artigos regulamenta as questões políticas, favorecendo o desenvolvimento sustentável preservando o meio ambiente.

Entre os artigos, devem-se destacar os Art. 5º e 6º que fala da política estadual para desenvolver programas, projetos e planos que envolva a atividade apícola e meliponicultura no Estado.. Para o deputado Marcio Fernandes, esse projeto é o primeiro passo para que a atividade se desenvolva de maneira organizada. "A partir desse projeto, o setor de apicultura e meliponicultura, deverão receber incentivos, com realização de pesquisas para o melhoramento da produção de mel e cera de abelha em Mato Grosso do Sul", comenta Marcio Fernandes.

Outro ponto abordado é o favorecimento de incentivos fiscais e de créditos agrícolas, para a produção, armazenamento, beneficiamento e instalação realizada por apicultor ou meliponicultor. "Os apicultores e meliponicultores passam a ter direito de custeio da produção e da comercialização dos produtos" comenta Marcio Fernandes.

O projeto ainda aborda questões de eliminação de agrotóxicos para a ampliação da produção de mel e cera de abelha, com pesquisas de extensão rural. Segundo Marcio Fernandes, esse projeto é uma base para estruturação da apicultura e meliponicultura de Mato Grosso do Sul.

11 - Mapeamento e Monitoramento de Ninhos de Abelhas Sem Ferrão no Triângulo Mineiro

Fernanda Helena Nogueira-Ferreira e Estefane N. Leoncini Siqueira, Instituto de Biologia, Universidade Federal de Uberlândia (UFU-MG), Campus Umuarama, Uberlândia-MG, CEP 38400-902. E-mail: ferferre@inbio.ufu.br.

INTRODUÇÃO

As abelhas constituem um grupo muito importante de insetos no Cerrado, pois desempenham importantes papéis ecológicos, sendo polinizadores naturais. A maioria das abelhas sem ferrão faz seus ninhos preferencialmente em ocos de árvores. Algumas espécies podem nidificar em cavidades no solo, em cupinzeiros ou formigueiros (abandonados ou ativos), em ninhos de pássaros desativados ou em paredes de casas. Algumas constroem ninhos expostos ou semi-expostos em galhos de árvores ou fendas em rochas (Camargo, 1989).

A crescente fragmentação mundial dos ambientes naturais, provocada pelo desmatamento, pelas queimadas ou pelo manejo agrícola, tem diminuído as populações de abelhas sem ferrão, devido à limitação às sítios de nidificação. No Brasil não é diferente. Os municípios de Uberlândia e Araguari, no estado de Minas Gerais, perfazem uma quantidade enorme de fragmentos de cerrado original e de mata de galeria. Nessas áreas nativas, existem muitas espécies de Meliponina, que correm o risco de desaparecer, devido ao desmatamento, sem que sejam conhecidas e estudadas.

Excetuando-se os estudos de Siqueira *et al.* (2007) e Siqueira (2007), são escassos os relatos sobre a ocorrência de ninhos e sobre os hábitos de nidificação relativos às abelhas sem ferrão, no triângulo mineiro. Atualmente nessa região, várias áreas naturais vêm sendo estudadas, com o intuito de conhecer a fauna de abelhas sem ferrão, investigar seus hábitos de nidificação e efetuar o monitoramento dos ninhos. Nesse artigo, relataremos os resultados parciais obtidos em duas áreas naturais no Triângulo Mineiro, onde o objetivo geral foi o de localizar e mapear os ninhos de abelhas sem ferrão e avaliar a riqueza e a abundância de espécies. Dessa maneira, esse estudo contribuirá para o conhecimento das espécies de abelhas sem ferrão existentes na região, servindo de suporte para futuros trabalhos visando à conservação de áreas naturais e de seus polinizadores.

MATERIAL E MÉTODOS

1. Margens do rio Araguari (Araguari- MG)

Área de cerca de 50,47 hectares, composta por várias fitofisionomias de Cerrado. O estudo foi desenvolvido nos meses de durante o desmatamento para a implantação de uma Usina hidrelétrica, no Rio Araguari, na cidade de Araguari-MG. Na medida em que o desmatamento acontecia, quando possível os ninhos eram retirados e transferidos para caixas de madeira. Nesse momento, eram avaliados e as coordenadas geográficas eram anotadas.

2. Reserva Ecológica do Panga (Uberlândia-MG)

O levantamento está sendo realizado, em uma área de Mata de Galeria e de Cerrado sentido restrito, perfazendo uma área equivalente à 100 hectares, aproximadamente, na Reserva Ecológica do Panga, em Uberlândia-MG. A localização dos ninhos está sendo feita visualmente, a partir de observações de possíveis locais de nidificação. A base e o tronco das árvores estão sendo observados, até dez metros de altura. Os cupinzeiros terrestres e arbóreos estão sendo avaliados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram encontrados 69 ninhos, correspondendo a 20 espécies, na área estudada nas margens do Rio Araguari (Tabela 1). Na Estação Ecológica do Panga, foi encontrado, até o momento um total de 30 ninhos, representados por 14 espécies distintas de abelhas sem ferrão, como mostra a Tabela 1.

Tabela 1: Número de ninhos de abelhas sem ferrão de cada espécie, mapeados nas margens do Rio Araguari (Araguari-MG) e na Estação Ecológica do Panga (Uberlândia-MG).

Espécie	Margens do Rio Araguari	Estação Ecológica do Panga
<i>Cephalotrigona capitata</i>	3	3
<i>Frieseomellita varia</i>	3	2
<i>Frieseomellita doederleini</i>	0	2
<i>Geotrigona subnuda</i>	0	1
<i>Lestrimellita limao</i>	1	0
<i>Leurotrigona muelleri</i>	0	1
<i>Melipona rufiventris</i>	10	2
<i>Nannotrigona testaceicornis</i>	0	1
<i>Oxytrigona tataira</i>	1	1
<i>Partamona ailyae</i>	6	0
<i>Partamona combinata</i>	3	0
<i>Plebeia droryana</i>	1	0
<i>Scaptotrigona bipunctata</i>	6	0
<i>Scaptotrigona depilis</i>	4	8
<i>Scaptotrigona polysticta</i>	0	1
<i>Scaura longula</i>	1	0
<i>Tetragona clavipes</i>	6	0
<i>Tetragona quadrangula</i>	2	0
<i>Tetragonisca angustula</i>	7	4
<i>Trigona fulviventris</i>	2	0
<i>Trigona hyalinata</i>	6	1
<i>Trigona hypogea</i>	2	0
<i>Trigona recursa</i>	2	0
<i>Trigona spinipes</i>	2	1
<i>Trigona truculenta</i>	1	1
TOTAL	69	30

Melipona rufiventris é uma espécie presente na lista de animais ameaçados de extinção, para o estado de Minas Gerais (Machado, 1998), entretanto, nas áreas estudadas foram encontrados 12 ninhos dessa espécie. É prematuro discutir as razões pela qual *M. rufiventris* tenha apresentado grande abundância, apesar de atualmente, ser considerada uma espécie rara. A região do rio Araguari estudada caracteriza-se por uma área ecotonal, abrangendo, espécies vegetais características de Cerrado, de Mata de Galeria, de Mata Ciliar e de Mata Estacional Semidecídua. Sendo assim, esse ambiente de vegetação heterogênea pode oferecer uma grande diversidade de substratos para a nidificação.

Carvalho & Bego (1997), em um levantamento de abelhas em visitas às flores, no cerrado na Estação Ecológica do Panga, encontraram 10 espécies de Meliponina, numa área de 403,47 ha.

Comparativamente, com esse estudo, nossos resultados ainda que não concluídos, apresentam 3 vezes esse número (n=30), em uma área de 100 ha. Essa alta diversidade de espécies encontrada em nosso estudo pode ser explicada, considerando-se algumas hipóteses: o local estudado mantém características que favoreceram a enxameação dessas espécies, como a presença de árvores grossas com a disponibilidade de ocos grandes; difícil acesso ao local e, conseqüentemente, isolamento da área de estudo e, alta diversidade vegetal que possibilite grande variedade de recursos alimentares para as abelhas.

Ninhos de abelhas foram encontrados em diferentes substratos como: cavidades em árvores vivas, cavidades em árvores mortas, mourões de cerca, no solo, em cupinzeiros (arbóreos, subterrâneos ou de murundum), em pedreiras e em paredes. Entretanto, constatou-se que nas duas áreas estudadas, a maioria dos ninhos se encontrava em cavidades pré-existentes em árvores vivas. Esse resultado reforça a necessidade de se manter os ambientes protegidos do desmatamento para a manutenção das espécies de abelhas sem ferrão em áreas naturais, oferecendo-lhes locais para a nidificação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Camargo, J.M.F. Comentários sobre a sistemática de Meliponinae (Hymenoptera, Apidae). **XIV Simpósio Anual ACIESP (Suplem.)**, São Carlos, Anais. 68: 41-61, 1989.

Carvalho, A.M.C. & Bego, L.R. Exploitation of available resources by bee fauna (Apoidea – Hymenoptera) in the Reserva Ecológica do Panga, Uberlândia, state of Minas Gerais, Brazil. **Revista Brasileira de Entomologia** 41(1): 101-107, 1997.

Machado, A.B.M. **Livro Vermelho das Espécies Ameaçadas de Extinção da Fauna em Minas Gerais**. Belo Horizonte: Fundação Biodiversitas, 1998, 608 p.

Siqueira, E.N.L. **Hábitos de nidificação e distribuição de ninhos de abelhas sem ferrão (Hymenoptera, Meliponina) em uma região do vale do Rio Araguari, Araguari-MG**. Monografia, Universidade Federal de Uberlândia-MG, 2007, 32p.

Siqueira, E.N.L.; Martines, R.B.; Nogueira-Ferreira, F.H. Ninhos de abelhas sem ferrão (Hymenoptera, Meliponina) em uma região do Rio Araguari, Araguari-MG. **Biosci. J.**, Uberlândia, 23(1): 38-44, 2007.

Auxílio financeiro: FAPEMIG/ CNPQ.

12 – Prorrogado o prazo da Consulta Pública sobre o RIISPOA

O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Secretaria de Defesa Agropecuária – Departamento de Produtos de origem Animal), editou NOTA TÉCNICA, datada de 30/07/2008, prorrogando o prazo de Consulta Pública para revisão do Regulamento da Inspeção Industrial e Sanitária dos Produtos de Origem Animal (RIISPOA), conforme segue.

“Em atendimento às inúmeras solicitações recebidas de Associações e sindicatos de Empresas sob a Fiscalização do Serviço de Inspeção Federal – SIF, pleiteando a prorrogação do prazo para Consulta Pública da proposta de Revisão do Regulamento da Inspeção Industrial e Sanitária dos Produtos de Origem Animal – RIISPOA, o Departamento de Inspeção de Produtos de origem Animal – DIPOA, informa que fica prorrogado o prazo para a apresentação das contribuições, até a data de 15 de setembro de 2008. Brasília – DF, 30 de Julho de 2008. Nelmon Oliveira da Costa – Diretor do DIPOA/DAS/MAPA.”

Segundo o MAPA, a nova proposta do Decreto nº 30.961 de 1952 vai atualizar conceitos e exigências higiênico-sanitárias, previstas na legislação que define os requisitos para o registro dos estabelecimentos e a fiscalização pelo Serviço de Inspeção Federal (SIF) do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa).

Para a modernização do Riispoa, o Departamento de Inspeção de Produtos de Origem Animal (Dipoa), da Secretaria de Defesa Agropecuária (SDA), criou um grupo de trabalho composto por fiscais federais agropecuários para coordenar a atualização da lei. Dos 811 artigos do atual Riispoa, 49% foram alterados e outros 47% foram revogados por estarem obsoletos. Apenas 3,4% dos artigos foram preservados e 290 foram criados. Ao todo, a proposta do novo Riispoa possui 748 artigos.

Com intuito de harmonizar a nova proposta com a realidade atual dos critérios de segurança alimentar, o grupo de trabalho considerou dispositivos do Código de Defesa do Consumidor, as orientações do Códex Alimentarius, as normas do Mercosul, as legislações internacionais e os acordos sanitários que o Brasil mantém com mais de 150 países com os quais possui relação comercial. Também foram levados em conta o embasamento científico e tecnológico e as demais legislações que interferem nas atividades do Dipoa.

Entre as principais alterações, destaca-se a fiscalização periódica das empresas de beneficiamento de leite e as fábricas de conserva. Essa mudança prevê que os fiscais não serão fixos nem atuarão mais dentro das empresas, em caráter permanente. Cada fiscal realizará o trabalho de inspeção, aleatoriamente, num determinado número de estabelecimentos de uma região. Está previsto, ainda, que os fiscais de um estado farão inspeções em fábricas e empresas em outras unidades federativas.

Nos estabelecimentos de abate de animais (bovinos, suínos, aves, caprinos, eqüinos e ovinos) permanece o sistema de fiscalização permanente, em que o fiscal atua dentro da empresa. Cabe lembrar que a nova proposta do Riispoa cumpre o Código de Defesa do Consumidor que atribui a responsabilidade primária pela qualidade do produto à empresa que o produziu. Foram mantidos os artigos do Riispoa que definem as exigências para o registro dos estabelecimentos, os padrões das instalações das empresas, os equipamentos, os fluxogramas de produção e as obrigações para controle da produção de alimentos.

As sugestões para o melhoramento da proposta do texto do novo Riispoa devem estar fundamentadas técnica e cientificamente. As contribuições devem ser encaminhadas para o endereço eletrônico: dipoa.riispoa@agricultura.gov.br.

Fonte: <http://www.agricultura.gov.br/> - 9/08/2008 – notícias

Atenção: Nesta revisão do RIISPOA passa-se a inserir no texto legal e contemplar a MELIPONICULTURA, distinguindo os produtos os méis e produtos dos meliponíneos, daqueles oriundos da apicultura.

13 – IAP realiza II Workshop sobre Planos de Ação para a Política Estadual de Proteção à Fauna Nativa

Dias 14 e 15 de agosto o Instituto Ambiental do Paraná (IAP), realizou o II Workshop para validação dos Planos de Ação elaborados para a Política Estadual de Proteção à Fauna Nativa/SISFAUNA.

Os objetivos do evento, foram: apresentar os planos de ação elaborados pelos grupos de trabalho à plenária; Discutir, ajustar e validar os planos de ação junto à plenária constituída pelos participantes do evento.

As espécies animais nativas consideradas para efeito da formulação dos Planos de Ação, foram: grupo de vertebrados Aquáticos (boto-cinza, toninha, tartaruga-de-couro e tartaruga-verde), aves ameaçadas (in situ, aves de estuários e brejos litorâneos, falconiformes, aves de várzeas e aves de campos), **abelhas nativas sem ferrão (meliponíneos)**, mamíferos terrestres e marinhos ameaçados, peixes ameaçados, controle de espécies exóticas, espécies em desequilíbrio populacional (capivara, macaco-prego e pomba-amargosa), queixada e cateto, gato-do-mato-maracajá, bugio-ruivo, araras, maracanã, macuco e jacutinga.

Para maiores informações, contatar: Márcia Guadalupe Pires Tossulino (marciagp@iap.pr.gov.br - (41) 3213-3700.

14 – 4 de setembro: Reunião sobre regulamentação da Resolução CONAMA nº 346, de 16 de agosto de 2004

A Resolução MMA/CONAMA nº 346, de 16 de agosto de 2004, disciplina a utilização das abelhas silvestres nativas, bem como a implantação de meliponários.

No artigo 9º, dispôs: “O IBAMA no prazo de seis meses, a partir da data da publicação desta resolução, deverá baixar as normas para a regulamentação da atividade de criação e comércio das abelhas silvestres nativas.”

Porém, até a data de 18 de agosto de 2008, nada aconteceu, trazendo prejuízos à preservação das abelhas nativas do Brasil e inibindo o desenvolvimento da meliponicultura.

CONVITE

Convidamos todos os interessados no tema criação de abelhas nativas do Brasil a participar e a remeter suas sugestões.

Data: 4 de setembro de 2008 (Quinta-feira)

Local: Anfiteatro da SEAB (rua dos Funcionários, 1559 - Cabral - Curitiba – PR)

Horário: 17 horas às 18:30 horas

Assunto: Reunião sobre a regulamentação da Resolução MMA/CONAMA nº 346/2004

Mais informações com: Roberto de A Silva (SEAB/DERAL - andrades@seab.pr.gov.br - (41) 3313.4132), Deni Schwartz Filho (denils@comfauna.com) e Solange Regina (solangereginam@yahoo.com.br)

<p style="text-align: center;">SEABDERAL DEPARTAMENTO DE ECONOMIA RURAL Editor Responsável: Roberto de Andrade Silva - andrades@pr.gov.br - fone: 0xx41-3313.4132 – fax: 3313.4031 - deral@pr.gov.br - www.seab.pr.gov.br</p>
--